

MAN  
DRA  
GORA

*ENTREVISTA*

## Entrevista com Lázaro Faria

*Por Nilza Menezes\**

Lázaro Faria produziu o documentário *A cidade das mulheres*. O filme aborda a questão da liderança feminina e a importância das mulheres nos candomblés baianos. O trabalho foi feito por meio de entrevistas com sacerdotisas da religiosidade afro-brasileira tendo como foco principal o papel ocupado pelas mulheres na religião e como isso reflete no cotidiano das mulheres em face do poder religioso que elas exercem. Lázaro Faria é produtor e começou sua carreira trabalhando como produtor de rádio, cinema e tevê em Belo Horizonte. Mudou-se para a Bahia em 1976. Realizou diversos documentários e dirigiu os curtas *Ya omi karodo* e *O corneteiro Lopes*. *A cidade das mulheres* é seu primeiro longa-metragem e baseou-se em pesquisa da antropóloga norte-americana Ruth Landes, que esteve na Bahia em 1939 pesquisando a raça negra, surpreendendo-se com a força e soberania que as mulheres do candomblé exerciam, formando uma organização matriarcal. Seu pensamento é um dos fios condutores do documentário, ilustrado por imagens das festas populares e dos cultos africanos, das famosas mães-de-santo e da beleza exuberante da cidade de Salvador. O filme apresenta como foco principal Mãe Estela de Oxossi, ialorixá do terreiro Axé Apó Afonjá, um dos mais antigos e conceituados da Bahia, que conta um pouco da história do candomblé e do sincretismo no Brasil. Mãe Estela fala também do futuro e da esperança que tem na continuidade e na força do candomblé.

**Como foi a idéia de produzir um filme sobre candomblé e mulheres?**

Tem coisas na vida da gente... Eu não escolhi fazer esse filme; as coisas foram acontecendo e

fui me envolvendo com o filme, que levou seis anos para ficar pronto. Na verdade, conheci Mãe Estela por outro motivo. Fui convidado para fazer um trabalho por ocasião de seu 60º aniversário. Eu deveria fazer um filme com convidados e autoridades. Conheci Mãe Estela e, numa das reuniões em sua casa, alguém me falou sobre o livro de Ruth Landes. Eu não conhecia o trabalho dela. Alguém falou sobre ele e começamos a perceber que ele tinha a ver com essa coisa dos 60 anos, com o candomblé. Era uma coisa que ela narrava na primeira pessoa, em 1938. Achei muito interessante. Ela morou dois anos na Bahia e percebemos que aquilo continuava existindo. A própria Ruth Landes se questionou se aquilo que ela estava presenciando era um fenômeno isolado, isto é, as mulheres mandando. E ela se questiona: será que a pessoa que ela estava conhecendo menininha também iria se tornar uma ialorixá? Isso nos chamou a atenção, porque seu livro, a forma como ela escreve, é muito interessante. Descobrimos que aquilo que Ruth Landes havia escrito ainda estava vivo; não era uma coisa que tinha existido no passado. Surgiu, então, a idéia de fazer um filme que desse uma resposta às dúvidas que Ruth tinha quando foi expulsa do Brasil durante a ditadura Vargas. A coisa aconteceu pouco antes da Segunda Guerra Mundial e havia aquela tendência fascista do Getúlio Vargas. Ruth Landes foi convidada a ir embora. Então a idéia surgiu disso. O filme tinha essa idéia no primeiro momento. Pensávamos que levaríamos um ano para fazer o filme... aquela coisa normal, um ano ou dois... Se tivéssemos feito o que pensávamos, possivelmente seria outro filme. Então comecei a filmar e percebi que seria preciso tomar certo cuidado para que o filme não ficasse como a maioria dos outros sobre o tema do candomblé. Para não ficar folclórico. Porque as pessoas foram muito perseguidas, tanto os afro-descendentes quanto a capoeira, que também tem um lado religioso. A capoeira até hoje aparece como contravenção no Código Penal; as pessoas eram espancadas, torturadas. Até mesmo na Bahia... As pessoas pensam que a Bahia é uma maravilha, mas as pessoas mais pobres ainda têm medo de dizer que são do candomblé. Como a capoeira hoje está no mundo inteiro, virou modismo... o can-

\* Historiadora, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutoranda em Ciências da Religião nessa Universidade.

domblé virou um pouco moda... as pessoas usam contas como modismo. Mas aquelas pessoas mais humildes têm medo de serem filmadas, de o patrão ver, de serem vistas e discriminadas. É uma história de medo.

#### **Como foi o acesso às mães-de-santo?**

O acesso aconteceu do seguinte modo: eu já tinha feito um filme... Você tem que ter um embaixador, uma pessoa que o apresente e que abone sua idoneidade, ou então tem que conquistar a pessoa, tornar-se amiga dela. Por isso o filme levou esse tempo todo pra ser feito... Porque as pessoas têm que ver o que vão falar. Não é tão fácil ter acesso a Mãe Stela e a outras pessoas ali. Para que elas falem de sua intimidade é preciso que haja essa conquista; elas precisam confiar em você.

#### **E depois que você adquiriu a confiança, ficou fácil realizar o trabalho?**

Não. Nunca foi fácil. Uma coisa boa foi que tudo se originou na Casa Branca. Na verdade, os africanos que vieram pra cá vieram de diversas nações e todos trouxeram suas religiosidades, que se transformaram no Brasil. Não havia candomblé na África, essa é uma questão... Eles cultuavam os orixás, que ainda são cultuados em algumas cidades, em alguns lugares. Mas em outros esse culto desapareceu, porque chegaram as igrejas. Por exemplo, eu tenho amigos em Angola e perguntei por que não passam meu filme lá. Disseram que se o filme for passado lá posso ser linchado, porque eles vêem isso como bruxaria, feitiçaria. No interior desses lugares devia haver pessoas que cultuavam os deuses da natureza, mas os missionários chegaram e destruíram tudo. Muitos universitários do Benin, da Nigéria, vêm procurar no Brasil coisas de suas origens. Muitas coisas foram preservadas, mas muitas outras foram destruídas e floresceram no Brasil. No caso da África, basicamente, os orixás e yorubás foram os últimos a serem trazidos como escravos. Os orixás eram cultuados de forma diferente. Em um lugar era Oxossi, em outro, Ogum. Há uma coisa específica nesses candomblés que se originaram na Bahia, especificamente na Casa Branca. Os orixás trazidos que a gente conhece, como

Oxum, Ogum, Yemanjá, Nana, e os de outros povos, os angolas, moçambiques, os minas, são basicamente os mesmos, mas com outros nomes. Estamos falando desses, dos yorubás. É muito difícil fazer um trabalho com informações apenas orais, sem qualquer registro escrito. O filme teve sorte, porque aquela mulher que está cantando uma louvação para Iroco tinha quase cem anos e morreu; e aquela outra senhora a quem uma menina pergunta o que se deve fazer para ser uma yalorixá também já faleceu. Aquilo não foi produzido. Ela falou com clareza, com sabedoria. Por isso o filme tem um registro oral, de pessoas que estão ali. Há um grande acervo de material produzido e não utilizado.

#### **Por que Mãe Estela e não Mãe Olga?**

Pois é, no início pensamos, mas depois... É muito difícil trabalhar com pessoas do candomblé, porque elas têm um ego muito exacerbado, são muito complicadas e é muito difícil você manter o equilíbrio. Cada um quer puxar a sardinha para o seu lado... ciúmes de terreiros...

#### **Houve dificuldade para conseguir as falas e as informações?**

Olha, o problema é que é muito difícil encontrar pessoas que consigam falar, ter narrativa. Pessoas importantes não tinham facilidade para a narrativa e nós acabávamos não conseguindo montar um trabalho com elas. Elas podem conversar, mas no momento em que percebem que terão de gravar, têm dificuldade. Não é que não queriam gravar ou que não saibam das coisas; não é que não saibam ou que não queiram. Enfim, não são narradoras.

#### **Qual o papel da antropóloga Cléo Martins no processo de criação do filme?**

Cléo Martins foi importante nesse processo todo. Foi ela quem mais abriu portas, porque conhece o candomblé, é uma intelectual e conhecia as pessoas. Ao mesmo tempo em que ajudava muito, às vezes complicava, porque tentava conduzir. Eu tentava deixar o filme correr livremente para não ser tendencioso. É difícil fazer um trabalho que não seja tendencioso. A partir do momento em que você edita, elimina e elege, está

direcionando. Tentei ao máximo ser imparcial, não seguir pressões e tentar acompanhar um pouco daquilo que Ruth Landes enxergou.

**Qual foi o olhar, a abordagem de Ruth Landes que chamou sua atenção?**

Ela vê algo diferente nessas comunidades, e o algo diferente que tem nessas comunidades parece menos perceptível do que aquilo que acontece numa casa comandada por um homem. A direção feminina tem diferença, sim. Mulher é diferente de homem. Ontem eu estava naquele terreiro. Havia um pai-de-santo sentado à frente e a seu lado havia uma mulher que devia ter cargo. Atrás deles havia um monte de mulheres e elas cochichavam. Eu não quis polemizar muito no filme, porque a Ruth Landes diz claramente que só as mulheres estavam preparadas para receber os orixás e que os homens o fazem apenas em situações raras. Ela diz que homem que recebe santo é homossexual.

**A questão da homossexualidade é muito abordada por Ruth Landes, mas esse não foi o recorte do filme. Por quê?**

Eu não quis entrar nessa questão porque no caso do candomblé da Bahia o que importa é o feminino. Não tem esse negócio de perguntar ao marido se pode, porque elas adquiriram liberdade, autonomia econômica e, portanto, não têm de pedir permissão aos maridos. Pedir aos homens é algo que nem se cogita, porque, como é dito no filme, o terreiro vem em primeiro lugar, depois vêm as outras coisas, inclusive o marido. Depois que fiz o filme fiquei pensando nessas coisas. Fiquei pensando em coisas que se falam sobre o meio ambiente, mas parece que só vão acontecer daqui a milhões de anos. Sinto que até nessas questões ambientalistas, relativas à miséria, as coisas estão acontecendo por falta do feminino. O mundo está muito racional. Não é questão de macho e fêmea; é questão do feminino, do viver. A questão maior dessas mulheres era criar seus filhos, elevar a auto-estima.

**Você acha que o fato de você ser homem dificultou o acesso às sacerdotisas?**

Não, acho que não. Não senti isso em nenhum

momento. Então foi isso, as coisas iam acontecendo devagar: conhecia num dia, marcava para outro. Eu não tinha controle total; as coisas iam acontecendo. Precisei me adaptar ao ritmo e ficar à disposição durante os seis anos. Os caminhos às vezes se abriam, às vezes se fechavam. Foi um processo desgastante do ponto de vista profissional e econômico. Mas chegou um momento em que eu não tinha mais como parar, não podia mais desistir. Um rumo havia sido tomado e havia muito material; há muito material. Foi difícil dar uma unidade a ele. O filme recebeu muita ajuda feminina. Quem mais ajudou foram as mulheres. A primeira vez que o filme foi exibido foi para cem mulheres: tinha miss universo, pessoas da sociedade do candomblé, Alaíde do Feijão, que é comerciante, e outras. O incrível é que mexe no mesmo ponto; a parte que toca nas mulheres é a mesma. As pessoas ficam emocionadas. O importante no filme, o que vai servir, não é o candomblé em si e a questão do feminino e do poder religioso; o importante é o resgate da auto-estima e a possibilidade e a necessidade da atuação do feminino. Porque há mulheres que exercem cargos importantes, exercem poder, mas é um poder para o masculino. O importante é que o poder feminino seja exercido para o feminino, com poder para tomar decisões sobre a educação, sobre a miséria. A prosperidade do feminino é o trabalho antimiséria.

**O filme foi todo feito voltado para as mulheres. As colaboradoras, as antropólogas, as sacerdotisas – as vozes foram sempre femininas. Foi proposital?**

Eu vejo que as mulheres ainda têm muito pouca visibilidade. Então, a questão de não botar homem no filme não deixou o filme feminista, mas foi uma questão importante e achei que o resultado foi bom. Cheguei até a gravar com homens, mas acabei optando por colocar apenas mulheres no filme.

**Para fazer o filme você passou por algum ritual. Exigiram isso de você?**

Exigir, não. Em alguns momentos o filme não andava, então isso foi sugerido. Mãe Estela dizia que havia muita gente morta no filme e que era

preciso fazer um trabalho para abrir, para conseguir as autorizações. Uma coisa natural dentro daquilo com que estávamos lidando. Foi um processo simples; não foi difícil lidar com isso. Tem uma coisa muito importante: o candomblé não anda atrás de adeptos. Só vai lá quem quer.

**Foi seu primeiro trabalho com o tema candomblé?**

Eu não tenho religião, mas acho que o can-

domblé, até pelo fato de não ter escritura, não ter um livro, é uma coisa muito viva, privilegia a vida. Nele, o bem e o mal não estão muito definidos, e considero isso uma vantagem. Apesar de ter certo estranhamento nessa questão, porque o candomblé é uma coisa muito terra, eles não se preocupam com o inferno, com o depois, e vivem o dia-a-dia mais intensamente. Eu já tinha feito algumas experiências em trabalhos com o candomblé, mas não pretendo ser adepto.